

Lacrimat6ria 1

Esta 6 a fala do homem, uma dor s6bita definitivamente entregue a um deus de 6gua. Sa6da do fogo, deitada numa terra onde um corvo poisa pela manh6, a mulher espera que algu6m a transporte para uma zona de sil6ncio. Todos os p6ssaros foram banidos pela chuva. S6o eles que a acompanham agora num rasto de sangue, em cima de uma ab6bada branca e lhe devoram os vestidos. Largada num po6o, 6 espera de uma vis6o redentora, a olhar para os var6es de ferro cravados nas paredes, ela espera que o c6u se feche ou que a aus6ncia de um grito inicie de vez a sua tortura. O homem prepara-se para a batalha, v6em-se j6 nas suas m6os as marcas do veneno.

Lacrimatória 2

Aqui começa a impossível ressurreição do corpo. Um ácido tapa os dedos do homem como se fosse uma luva de pedra. Cabe à mulher explicar o desenho dos ombros, como é feita a curva das ancas no instante da queda. O silêncio arrepia, não a morte. É preciso descobrir de onde vem a lua cega, quem a carrega, quem a anuncia nos dias em que os monstros das lagoas invadem a terra. O homem arrepende-se, não suporta a picada das aves que nascem do lodo abraçadas aos crustáceos. Transforma o ferro em aço, envolve-o em grandes anéis de pólvora, afugenta as limalhas com o próprio sopro. O seu destino não pertence ao chão que pisa, mas a ela, à luz que transparece dos seus ossos.

Lacrimatória 3

Um corpo sufocado pela beleza, pela luz que ilumina as fendas desse chão, como um tesouro acabado de nascer dentro de uma tábua. Vem como uma sombra que toma forma a partir dos cabelos, uma sombra levantada contra um véu. É ali que se guardam as túnicas que a levarão para o fogo, presas a um gancho. Não é o corvo que lhe tapa o peito, mas os sinais de uma luta travada nas silvas. Duas mulheres abraçam-se debaixo do mármore enquanto o homem chora escondido num rochedo. Olha para as plantas que rasgam os jardins, mas os seus joelhos esmagam-se nos muros dos caminhos, arrastando consigo o pó e os pequenos novelos que se soltam com a lenha.

Lacrimat6ria 4

Um corte r6pido nas veias como se fosse a degola73o de um len73ol sobre o seu corpo, deixado ao acaso num p6ntano. 6 a espera. O sangue sobe pelas hastes, seguindo o caminho das formigas. Um corpo final, com v6rias ruas e um espelho encostado a dois colossos de pedra. Uma dor que se vai tornando insuport6vel vinda de um espa73o de ferrugem. A dor de um homem curvado pelo ouro, sugado por uma corda, um homem sentado para sempre numa cadeira amarela. Sem olhos, com as p6lpebras arrancadas, enquanto a mulher percorre nua os grandes laranjais. 6 um homem que traz um estojo colado ao peito e dois punhais virados para ela, para os seus passos. 6 ele que lhe abre as feridas.

Lacrimat6ria 5

A sua alma est6 ali como um sopro, desfazendo os ossos contra o t6mulo da mulher. As suas m6os encolhem-se quando v6 os narcisos rebentarem entre os muros, arrastando com eles as tra7as e o sangue. N6o h6 caminho liberto para a contempla76o. Os t6neis est6o fechados. N6o h6 carris sobre os terrenos planos, nem fumo que saia das chamin6s. A vida devora todos os animais concretos. Tudo se transforma numa cortina vermelha. O musgo inicia o seu ciclo de vertigem como se estivesse num espa7o de algas. O homem amedronta-se, contemplando os cereais. O c6u cai sobre ele como um vampiro e das suas m6os nascem dois dentes de ferro que se misturam com a carne.